

## **OS/AS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR ESTÃO PREPARADOS/AS PARA LIDAR COM O AUTISMO?**

Magda Santos Silva  
UNIPAC/FEESU  
[kauaeliabe@gmail.com](mailto:kauaeliabe@gmail.com)

### **Resumo**

O objetivo desta pesquisa é discutir as dificuldades no processo da aprendizagem escolar dos/as alunos/as autistas, propondo refletir algumas questões que estão relacionadas com as demandas de profissionais que atuam com crianças e jovens que apresentam este transtorno. Este estudo busca refletir os desafios que professores/as e educadores/as encontram em sala de aula e refletir os impactos no processo de ensino e aprendizagem. Este estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica de autores/as como, Boralli (2007), Kanner (1943) e SANTOS, 2008. Além disso, procuramos compreender como se dá a inclusão escolar de pessoas com autismo. Descobrimos que realmente os docentes não estão preparados para lidar com esse tipo de transtorno. Falta mais qualificação e preparo para os/as profissionais da área da Educação.

**Palavras-Chave:** Autismo; Educação; Crianças; Profissionais da Educação.

### **Introdução:**

O autismo também chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA) vem sendo foco de pesquisas, por ser um distúrbio do desenvolvimento, que apresenta no indivíduo por toda vida afetando principalmente sua vida escolar. Seus sintomas podem ser observados desde o início da infância, sendo que alguns sintomas são associados ao comportamento, a comunicação e interação social do indivíduo. O autista precisa de atenção e de cuidados porque esse transtorno é para vida toda e precisa de acompanhamento.

Meltzer (1975) coloca uma questão importante ao mencionar que os/as autistas são pacientes que precisam ser alvo de atenção, embora não seja o tipo de paciente que clama por isso. De acordo com BORALLI (2007), existe uma total desatenção para com a formação adequada de profissionais das áreas de Medicina, Psicologia, Pedagogia, Fonoaudiologia, dentre outras.

É importante destacar que os/as profissionais da educação não estão preparados/as para lidar com esse tipo de transtorno, pois uma grande parte desse

“problema” é conseguir entrar no mundo dessas pessoas. Eles se fecham no seu próprio mundo e o/a professor/a ou educador/a tem dificuldades em entrar ou romper essa barreira que eles constroem para si mesmo. Outro fato que prejudica muito os/as profissionais é a frustração de ensinar e não ter retorno em nada.

### **O que é autismo?**

O autor Fernandes diz que: "AUTISMO, s. m. (med.) Estado mental patológico, em que indivíduo tende a encerrar-se em si mesmo alheando-se ao mundo exterior." (1965, p.143). É preciso ter paciência e saber compreender as fazes do aluno autista, pois eles não respondem comandos. O autor nos fala que não devemos desistir da criança autista ele cita que:

É importante a continuidade do ensino para uma criança autista, para que se torne menos dependente, mesmo que isto envolva várias tentativas, e ela não consiga aprender. É preciso atender prontamente toda vez que a criança autista solicitar e tentar o diálogo, a interação, Quando ocorrer de chamar uma criança autista e ela não atender, é necessário ir até ela, pegar sua mão e levá-la para fazer o que foi solicitado. Toda vez que a criança conseguir realizar uma tarefa, ou falar uma palavra, ou enfim, mostrar progresso, é prudente reforçar com elogios. Quando se deseja que a criança olhe para o professor, segura-se delicadamente o rosto dela, direcionando-o para o rosto do professor. Pode-se falar com a criança, mesmo que seu olhar esteja distante, tendo como meta um desenvolvimento de uma relação baseada em controle, segurança, confiança e amor. (SANTOS, 2008, p.31 e 32).

O autismo é definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante. Sua incidência é de cinco casos em cada 10.000 nascimentos caso se adote um critério de classificação rigorosa, e três vezes maior se considerar casos correlatos é que necessitem do mesmo tipo de atendimento. (apud MANTOAN, 1997, p. 13).

Segundo Kanner (1943) o autismo é um termo utilizado para definir indivíduos que tem um distúrbio do contato afetivo, que são incapazes de efetuar trocas socioafetivas com as outras pessoas. Porque estão imersos/as e reclusos/as em seus próprios mundos interiores. O autor defendia que o autista era isento de linguem, Kanner (1943) viu-se envolvido em contradições no qual no exercício de sua prática clínica junto com os pacientes “autistas”. Ele diz que:

O vocabulário incrível das crianças que adquiriram a linguagem, a excelente memória para acontecimentos ocorridos há vários anos, a fenomenal capacidade de decorar poemas e nomes e lembrar-se precisamente de sequências e esquemas complexos, testemunham uma boa inteligência no sentido comumente aceito deste termo. (KANNER, 1943, p. 247-248).

A dificuldade de usar a linguagem como meio social é muito grande para quem tem autismo, gerando assim um grande obstáculo para a comunicação. Os autistas são extremamente inteligentes, mas seus interesses e focos são restritos, precisam ser estimulados/as o tempo todo.

### **Alguns Sintomas:**

Moraes (2007), diz que os/as médicos/as não conseguem reconhecer os sintomas do autismo porque não são preparados/as para diagnosticar tal transtorno. Segundo a autora para diagnosticar um autista percorresse um longo caminho, pois, a psiquiatria infantil não é uma disciplina obrigatória para um pediatra.

**1.1 Distúrbio de relacionamento.** Dificuldade na interação social, não olhar nos olhos ou evitar não olhar nos olhos mesmo quando alguém fala com ela, estando bem próximo; Dificuldade em relacionar-se com outras crianças e por isso prefere ficar sozinho do que brincar com elas; repetir sempre as mesmas coisas, brincar sempre com os mesmos brinquedos e a ausência do sorriso social.

### **1.2 Distúrbio da fala e linguagem.**

Dificuldade na comunicação a criança sabe falar, mas prefere não falar nada e mantém-se calada por horas, mesmo quando fazem perguntas para ela;

Repete a pergunta que lhe foi feita várias vezes seguidas sem se importar se está chateando os outros;

Mantém sempre a mesma expressão no rosto e não entende gestos e expressões faciais dos outros;

Não atender quando é chamado pelo nome, como se não estivesse ouvindo nada, apesar de não ser surdo e de não ter nenhum comprometimento auditivo;

### **1.3 Distúrbio motilidade.**

Leva o braço de outra pessoa para pegar o objeto que ela deseja;

Olha sempre na mesma direção como se estivesse parado no tempo;

Fica se balançando para frente e para trás por vários minutos ou horas ou torcer as mãos ou os dedos constantemente;

### **Distúrbio da percepção**

Incapacidade na habilidade de usar estímulos sensoriais para discriminar o que é importante ou não, Dificuldade a se adaptar a uma nova rotina ficando agitado, podendo se auto agredir ou agredir os outros;

### **Distúrbios no ritmo de desenvolvimento**

Descontinuidade na sequência normal do desenvolvimento é o mais comum.

Segundo ELIANA R. BORALLI (2007) existe uma alteração nos doze sentidos, térmico, tátil, orgânico (capacidade de sentir e defender a vida), equilíbrio, cenestésico (conjunto de movimento do corpo, como um todo), audição, linguagem, “Eu” – (somos únicos e exclusivos), pensamento, visão, paladar e olfato.

ANA MARIA TARCITANO SANTOS (2008): Diz que o autista não sente dor, ele não tem noção do eu (o eu não foi constituído neles), pode comer em demasia e pode ocorrer inversão da temperatura. Segundo ELIANA R. BORALLI (2007) psicomotricista e coordenadora da AUMA - Associação dos Amigos da Criança Autista, a criança pode desenvolver medos intensos que desenvolvam fobias, alterações nos doze sentidos, sendo eles: térmico, tátil, orgânico (capacidade de sentir e defender a vida), equilíbrio, cenestésico (conjunto de movimento do corpo, como um todo), audição, linguagem, "Eu" - (somos únicos e exclusivos), pensamento, visão, paladar e olfato.

### **Causas:**

As causas que provocam o autismo são ainda desconhecidas. Algumas suposições de que fatores ambientais tenham impacto no desenvolvimento do feto, como stress, infecções, exposição a substâncias químicas tóxicas, complicações durante a gravidez e outros.

O Autista deve ser acompanhado desde seus primeiros sinais, esse transtorno é ocasionado por múltiplos fatores. Sendo o mais comum a pré-disposição genética e o comprometimento cerebral. Segundo os estudos são mais comuns em meninos do que em meninas. (ASSUNPÇÃO, 1997) diz que existe uma relação entre determinados parâmetros neurológicos e autismo: Como déficits cognitivos, crises epiléticas e Q.I. (Quociente de -Inteligência) podendo ser alguns fatores orgânicos.

## **Desenvolvimento do trabalho:**

Estudos clínicos e empíricos concordam que crianças com TEA apresentam sintomas muito parecido com o transtorno do desenvolvimento da linguagem. Porém os portadores de TEA diferenciam-se por sua dificuldade pragmática (uso da linguagem) e de compreensão do discurso. “aparecem na comunicação não verbal, que por sua vez evidenciam comprometimentos da atenção compartilhada (AC), da iniciativa, da reciprocidade e espontaneidade na comunicação” (PEREIRA, 2012, p. 06).

Para Piaget o desenvolvimento cognitivo é interpretado a partir da experiência com o meio físico, e o processo de desenvolvimento intelectual pelo mecanismo de equilíbrio das ações sobre o mundo. E em Vygotsky, a interação social e o instrumento linguístico são decisivos para compreender o desenvolvimento cognitivo. (CASTORINA 2002 apud SANTOS, 2013, p. 11).

Segundo Piaget (2002) a área principal a ser desenvolvida é o cognitivo e a interação social. Através de materiais necessários o TEA terá uma aprendizagem ampla e satisfatória, porém não é só pelo material que acontece o seu desenvolvimento mais também pela sua comunicação social.

No caso específico da linguagem, "os sons só se tomam um tipo de linguagem para as crianças quando elas compreendem que as emissões 23 sonoras realizadas pelo adulto carregam uma intenção de prestar atenção a algo" (PEREIRA, 2012, p. 07).

O/a docente deve observar cuidadosamente quais atividades e práticas se encaixam melhor para as crianças que tem o TEA. O profissional terá um melhor resultado e irá conseguir uma relação de mais qualidade com o aluno, assim ele aumentará a possibilidade de interação, pois a criança começará a entender melhor o que se passa ao seu redor.

Sabemos que a aprendizagem do/a autista é lenta e de muita paciência, porém, bastante gratificante. O desenvolvimento se dá por meio de muita repetição e interação ao meio social. Durante o processo de ensino e da aprendizagem deve ser proporcionado estímulos cognitivo e intelectual, quando bem organizada as técnicas pedagógicas melhor resultado terá.

## **Tratamento:**

O/a autismo não tem cura, ele pode sofrer mudanças com o passar do tempo, ou seja, conforme a idade da pessoa. O TEA pode manifestar-se nos primeiros dias de vida, mas é comum que os pais e/ou responsáveis digam que a criança passou por um período de normalidade. Às vezes os pais e/ou responsáveis desencadeiam eventos como um trauma, uma cirurgia feita quando pequeno, ou até mesmo a chegada de uma nova pessoa na família que possam trazer em tona esse transtorno. Como por exemplo, uma cirurgia ou um novo membro na família. Mas o que realmente acontece é que esse fato despertou o para o desenvolvimento anormal da criança.

Geralmente, estas crianças não procuram o contato ocular ou o mantêm por um período de tempo muito curto. É comum o aparecimento de 20 estereotípias, que podem ser movimentos repetitivos com as mãos ou com o corpo, a fixação do olhar nas mãos por períodos longos e hábitos como o de morder-se, morder as roupas ou puxar os cabelos. (MELLO, 2000, p. 18).

O/a autista não consegue reconhecer ou responder o comando dos/as demais, as interações sociais com outras pessoas são restritas. É comum que as crianças devolvam afeições aos pais por causa da sua proximidade neste caso a criança prefere abraçar do que aceitar abraços. WILLIAMS (2008) diz que:

Os pais são especialistas no que diz respeito aos filhos. Ninguém conhece seu filho melhor do que você. Se suspeitar que haja algo errado, talvez tenha razão. Em geral, a dificuldade é entender qual é o problema, sua gravidade e com quem compartilha as preocupações. A princípio, muitos de nós discutimos essas ansiedades com a família e amigos e depois consultamos um profissional da área da saúde (por exemplo, médico ou outro profissional qualificado) se ainda estivermos preocupados. Na maioria das vezes, ficamos mais tranquilos e, rápida ou gradualmente, os comportamentos que nos preocupam desaparecem. Ocasionalmente, contudo, o comportamento da criança e as preocupações dos pais persistem. Se for esse o caso, é preciso consultar novamente um profissional da saúde. (p. 03).

Algumas crianças por volta de três anos são notórias os sintomas. Pois, nos casos mais graves do autismo a criança se isola no seu mundo e trata as outras pessoas como um objeto. Já nos casos mais sutis as crianças não mantem um contato visual e não se concentra assim surgem poucas evidências podendo ficar mais claras no âmbito escolar ou em brincadeiras em grupo segundo Gikovate (2009). Já em 2013 ele e SANTOS diz que:

Hoje se considera que as características do autismo podem surgir desde os primeiros meses de vida ou após um período de desenvolvimento em geral após 15 meses de vida (porém, com o início dos sintomas antes de 36 meses). Este é o segundo quadro, no qual houve um período de desenvolvimento aparentemente normal, é denominado autismo regressivo e corresponde a 30% do total de casos. Nos outros 70% não se evidencia uma regressão e os 16 sintomas estariam presentes desde o nascimento, mesmo que tais sintomas só fossem notados como problema após uma determinada idade. (GIKOVATE apud SANTOS, 2013, p. 25).

A autora ELIANA BORALLI (2007), diz que o desenvolvimento do autista acontece em Ziguezague, alto e baixos. Na mesma hora que estão bem já regridem. (COUTINHO, 2012, p. 72) fala que como não há cura real para o autismo alguns pais utilizam terapias alternativas e complementares. Embora não cientificamente foram aprovados para tratar o autista.

#### **O/A autista no contexto escolar:**

A escola tem um papel muito importante na investigação do diagnóstico do autismo. Sendo que, é na escola que a criança terá a primeira interação social separada de seus familiares. Assim, através de novas experiências a criança apresentará maior dificuldade em se adaptar às regras sociais. Santos diz:

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área. (2008, p. 9)

A falta de qualificação dos docentes e a carência nesta questão de transtornos é muito grande. É necessário que o educador tenha demasiada paciência e compreensão para com o/a aluno/a autista para que ele/a consiga aprender, pois, a criança pode apresentar um olhar distante e não atender ao chamado e até mesmo demorar muito para aprender determinada lição ou até mesmo ser bastante agressiva nos casos mais extremos. O indivíduo não tem culpa em ser desinteressado, pois a culpa é do autismo que age no processo da aprendizagem. Santos 2008 afirma que:

É importante a continuidade do ensino para uma criança autista, para que se torne menos dependente, mesmo que isto envolva várias tentativas, e ela não consiga aprender. É preciso atender prontamente

toda vez que a criança autista solicitar e tentar o diálogo, a interação, Quando ocorrer de chamar uma criança autista e ela não atender, é necessário ir até ela, pegar sua mão e levá-la para fazer o que foi solicitado. Toda vez que a criança conseguir realizar uma tarefa, ou falar uma palavra, ou enfim, mostrar progresso, é prudente reforçar com elogios. Quando se deseja que a criança olhe para o professor, segura-se delicadamente o rosto dela, direcionando-o para o rosto do professor. Pode-se falar com a criança, mesmo que seu olhar esteja distante, tendo como meta um desenvolvimento de uma relação baseada em controle, segurança, confiança e amor. (p.31-32).

Cabe aos/as docentes e educadores/as adaptar o contexto escolar e preparar as crianças para a inclusão de indivíduos com autismo. O autismo pode ter vários graus desde muito leve até o mais agressivo. O autor Santos 2008 fala que: “É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas.” (p.30).

O contexto escolar na vida de cada criança é de suma importância para os autistas. Pois dentro da escola o educador ou docente pode encontrar ou descobrir um grande potencial que cada aluno possui e fica encoberto por suas dificuldades. Cabe a escola capacitar seus profissionais que irão trabalhar com o TEA, Os docentes deverão estar qualificados e aptos a estimular e conseguir tirar o máximo que a criança é capaz de oferecer.

Neste sentido, a preparação destes profissionais educadores para o trabalho de alunos portadores de autismo é de suma importância, pois o educador é um dos agentes responsáveis não somente por transmitir conteúdos pedagógicos, como também transmitir valores e normas sociais que possam inserir a criança na esfera simbólica do discurso social. Sendo assim, o trabalho com educadores deverá englobar, de forma permanente, programas de capacitação, supervisão e avaliação (SANT’ANA, 2005 apud PRATES, 2011, p. 05).

## **Considerações**

Percebemos neste estudo que se torna necessário que as escolas precisam de mais preparo para receber alunos/as com o transtorno TEA, pode-se dizer que os/as docentes e educadores/as precisam preocupar-se com a inclusão de alunos/as especiais.

Acredita-se que este artigo trará contribuições teóricas para a inclusão dos autistas no ambiente escolar. E assim mostrar para os profissionais da área como se dá a inclusão destes alunos. Com base nos estudos feito é perceptivo que o estudo do docente



no âmbito acadêmico é insuficiente para suprir as necessidades geradas no ato da prática.

Através da pesquisa bibliográfica descobrimos que apesar do autismo apresentar empecilho para o relacionamento social e o processo de aprendizagem, o/a autista pode conviver perfeitamente em sociedade como uma pessoa “normal” ou até mesmo em destaque quando identificado seu grande potencial.

#### **Referências:**

ASSUNPÇÃO, F.B. Jr. **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento Infantil**. Lemos Editora e Gráficos Ltda. São Paulo, 1997.

COUTINHO, Ana Flávia de Oliveira. **Interação Mãe-Criança Autista em situação de brincadeira livre e computador**. Rio Grande do Sul: (TESE), 2012.

BORALLI, E. R. **Curso: Autismo: das questões teóricas à prática**, Coordenadora do Curso Eliana Rodrigues Boralli - 2007.

KANNER, L. Autistic Disturbances of Affective Contact. **Nervous Child**, n. 2, p. 217-250, 1943.

FERNANDES, F. **Dicionário Brasileiro Contemporâneo**. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1965.

GIKOVATE, C. G. **Autismo: compreendendo para melhor incluir**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

MORAES, Magaly. **Revista Época**. seção Saúde e Bem-Estar Estado SP. 2007.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo: Guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA, 2000.

MELTZER, D. **Explorações no mundo do autismo**. Paris; Payot 1975.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **A interação de pessoas com Deficiência**. São Paulo. 1997.

PEREIRA, C. B. **Linguagem, Funções Executivas e Teoria da Linguagem no Autismo sem déficit intelectual: estudo de caso**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Curso de Especialização em Neuropsicologia, 2012.

SANT'ANA, I. M. **Educação Inclusiva: concepções de Professores e Diretores**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, maio-ago. 2005.

SANTOS, A. M. T. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.

WILLIAMS, C. **Convivendo com autismo e síndrome de asperger: estratégias práticas para pais e profissionais**. São Paulo: Mbooks, 2008.